

## **Sociabilidade e Insegurança Urbana em Pequena Cidade: a Realidade de Florestópolis (PR)**

*Sociability and Urban Insecurity in the Small Town of Florestópolis (PR)*

**Pedro Henrique Carnevalli Fernandes<sup>1</sup>**

**Resumo:** A condição humana e social de vida está inserida no processo de compreensão do espaço geográfico. O ambiente urbano se converteu, rapidamente, no principal local de moradia da população brasileira e, por conseguinte, um instável e complexo campo de estudo, inclusive acerca das pequenas cidades. Neste artigo, como objetivo, focalizam-se as pequenas cidades e enfatiza-se o caso de Florestópolis, no Norte do Paraná, especialmente quanto à sociabilidade e insegurança. Apesar de uma abordagem específica, a situação apresentada é recorrente, em âmbito geral, nas cidades pequenas do mundo inteiro. De forma geral, a região Norte do Paraná é densa em pequenas localidades devido a sua formação socioespacial e as transformações econômicas que vem ocorrendo nas últimas décadas alteraram os papéis e significados dessas localidades, entre elas Florestópolis. Com isso, houve intenso declínio populacional, acompanhado de grande perda de centralidade dos núcleos urbanos. Essa perda significativa de bens e serviços, inclusive dos relativos à segurança, reflete diretamente na realidade contemporânea. Assim, há uma mudança nas relações de sociabilidade e na insegurança, fazendo com que a cidade enfrente os mesmos problemas dos centros maiores.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Insegurança urbana. Pequenas cidades.

**Abstract:** *The human and social condition of life is inserted in the comprehension process of the geographical space. The urban environment became, quickly, the main place of residence of Brazilian population, and, consequently, an unstable and complex field of study, including of small cities. In this article, the objective, the focus is on the small cities and it emphasizes the case of Florestópolis in northern Paraná, especially the sociability and urban insecurity. Although being a specific approach, the presented situation is recurrent, in general context, the small cities all around the world. In general, the Northern region of Paraná is dense in small locations due to their sociospatial formation and economic changes that have occurred in the last decades have changed the roles and meanings of these places, including Florestópolis. This has brought a deep population decline with a great loss of centrality of urban centers. This meaningful loss of goods and services, including the ones related to safety, directly reflects at the contemporary reality. So, there is a change in the sociability and unsafely relations, making the city faces the same problems as the larger centers.*

**Keywords:** *Sociability. Urban insecurity. Small Cities.*

---

<sup>1</sup> Graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do curso de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Cornélio Procópio. Endereço: Avenida Portugal, 340, Centro, UENP-Unidade Centro, CEP: 86300-000, Cornélio Procópio (PR). E-mail: profpedrofernandes@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O ambiente urbano se converteu, especialmente após o capitalismo, num dos principais espaços para a análise das relações tempo e espaço e sociedade e natureza. Além disso, devido a sua rápida transformação, se tornou um espaço complexo e incerto, onde considerada parcela da população convive com elementos que impedem à emancipação humana, entendida aqui pelos ideais de Bottomore (2001), como a pobreza e a miséria, a ausência de emprego e de geração de renda, a ausência de serviços na área da educação, da saúde, da segurança, etc., que acabam por influenciar diretamente no cotidiano e no comportamento humano, inclusive coletivamente.

As pequenas cidades, recorte temático e espacial deste artigo, representam uma vertente do urbano e a diversidade deve ser reconhecida em conjunto, ou seja, inseridas em uma totalidade, e não de forma isolada. Nesse sentido, pressupõe-se sua subordinação aos processos de globalização e produção capitalista, sofrendo com a perversidade do sistema e enfrentando problemas como outras cidades, inclusive as maiores, independente da questão da diversidade urbana brasileira.

Apesar do histórico de cinco mil anos das cidades (ROLNICK, 1988), elas e o processo de urbanização ganharam destaque com o advento e a consolidação do sistema capitalista. Em 1800, apenas 2% da população mundial era considerada urbana. Já no início do século XX, a quantidade não passava de 10%. Em 1950, cerca de 30% da população viviam em áreas urbanizadas e cinquenta anos depois, metade da população – 2,9 bilhões de pessoas – já estavam nas cidades. A Organização das Nações Unidas (ONU) prevê que, em 2030, 60% das pessoas (8,3 bilhões) estarão morando nos espaços urbanos. (PEDRAZZINI, 2006).

Seguramente, a explosão urbana no mundo, apesar das discrepâncias continentais, ocorreu no número de habitantes e nas “condições de vida, (...), deixando marcas profundas no ‘tecido cicatricial’ das cidades” (PEDRAZZINI, 2006, p. 48), ou seja, no tecido e/ou morfologia urbana. As pequenas cidades estão inseridas no sistema regente e sofrem implicações diretas e indiretas do processo de globalização, que, com uma agenda neoliberal, marcada pela saída do Estado nos serviços de ordem pública, inclusive de segurança pública, estraçalha o bem-estar social.

Desde o final do século passado, diversos tipos de crimes, principalmente homicídios e roubos/furtos, vêm se ampliando no interior do Brasil, inclusive nas pequenas

idades e nos espaços rurais. Da mesma forma, observa-se um aumento da insegurança e do medo, como será abordado adiante. Em geral, os estudos acadêmicos vinculam essas tendências às grandes cidades e às áreas metropolitanas, como Rifiotis (1999), Silva (2004), Souza (2008). Entretanto, pretende-se, neste artigo, apresentar um diferente viés. Para isso, apresenta-se o caso do Norte do Paraná, especialmente a pequena cidade de Florestópolis.

Além da questão da violência e da insegurança, conceitos abordados ao longo da redação, há um fenômeno em trânsito nas pequenas cidades de mudança nas relações de sociabilidade. Evidentemente, esse tema deve ser relativizado, até porque depende de um aprofundamento teórico, conceitual e empírico e, esse tipo de localidade, possui características peculiares, como será abordado adiante. As motivações em direcionar o olhar para a insegurança e a sociabilidade nas pequenas cidades emergiram do pouco referencial teórico e, portanto, da necessidade de discussão sobre a interiorização da violência e do interesse em apresentar a ausência de perspectivas de vida de considerável parcela da população dessas localidades.

Assim, o objetivo do artigo é identificar e discutir processos e dinâmicas atuais que sinalizam para uma mudança das relações de sociabilidade e do crescimento da violência e da insegurança urbana em pequenas cidades, especialmente no caso de Florestópolis, no Norte do Estado do Paraná.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: levantamento e revisão bibliográfica abrangendo os temas das pequenas cidades, da violência, da insegurança urbana e da sociabilidade; levantamentos de dados secundários dos municípios do Norte do Paraná, especialmente de Florestópolis, e a respeito dos equipamentos e serviços públicos existentes de segurança pública; e, trabalhos de campo para a realização de entrevistas e aplicação de questionários entre a população local (110 questionários), gestores públicos e profissionais de segurança (oito questionários) no município de Florestópolis. Após a sistematização das informações e dos dados coletados procedeu-se a elaboração do artigo.

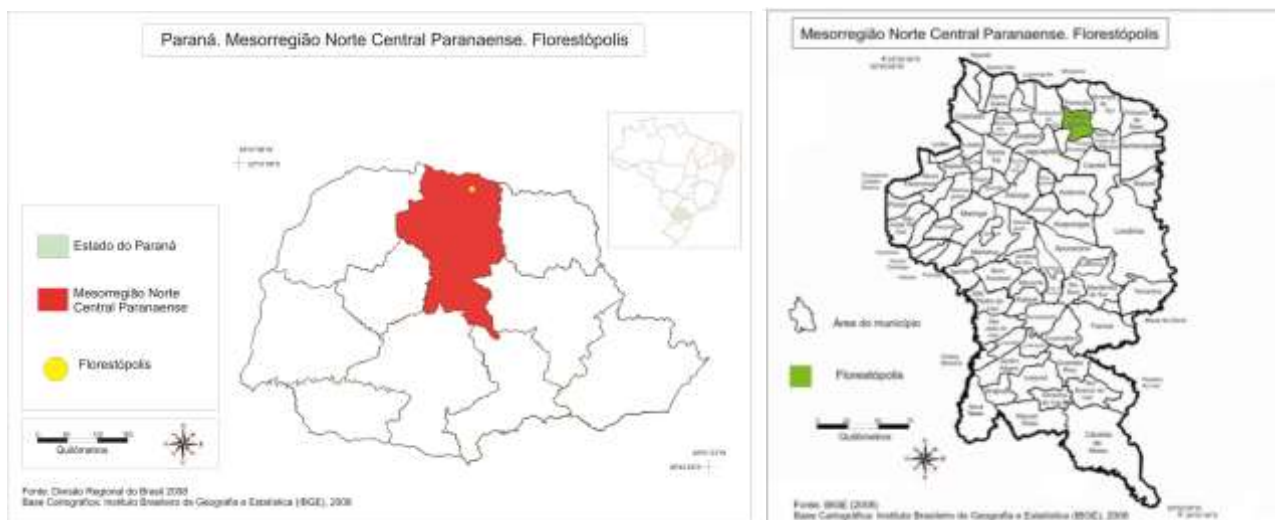
Vale destacar que este artigo é um recorte da dissertação, que abordou o tema da violência e do sentimento de insegurança urbana em três dimensões espaciais. A primeira correspondeu às pequenas cidades de forma geral. A segunda dimensão buscou um olhar sobre as pequenas cidades no nível escalar regional (o recorte adotado para tanto foi o da Mesorregião Norte Central paranaense). A terceira dimensão espacial foi a local e, após uma série de procedimentos, resultou na escolha de município paranaense de Florestópolis e Nova Tebas.

A proposta por transitar nessas três dimensões ao longo da dissertação teve como finalidade demonstrar que o processo não é limitado ou característico de determinada área ou região. O aumento da insegurança urbana tem se difundido rapidamente por diversos espaços e por várias razões ora diferenciadas, ora similares.

O Norte do Paraná, representado pela Mesorregião Norte Central paranaense, é composto por 79 municípios e envolve uma área de 12% do território paranaense. Em 2010, de acordo com o último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), ela possuía mais de dois milhões de habitantes, representando quase 20% da população do Estado do Paraná.

O município de Florestópolis, localizado no extremo Norte da Mesorregião Norte Central paranaense, próximo à divisa do Paraná e São Paulo, tinha 11.222 habitantes em 2010, dos quais 94% faziam parte da área urbana. A cidade está aproximadamente a 460 quilômetros de Curitiba e pertence à Microrregião de Porecatu (FLORESTÓPOLIS, 2014). A Figura 1 apresenta a localização do município.

**Figura 1. Localização de Florestópolis, 2011**



**Fonte: Adaptado de BRASIL (2008)**

## REFERENCIAIS TEÓRICOS

### As pequenas cidades

A conceituação de “pequena cidade”, assim como o próprio conceito de cidade, é complexa e com vários significados. No entanto, sinalizam-se duas opções metodológicas, que devem ser utilizadas concomitantemente: o viés quantitativo, associado ao patamar demográfico, e o qualitativo, que parte de análises da posição da localidade na rede urbana, seus papéis, área de influência e formação socioespacial, como categoria de análise espacial independente do patamar demográfico.

Em 2010, o Brasil possuía 5.565 municípios, sendo que 77% deles tinham, no máximo, 20 mil habitantes. Se fosse utilizado como parâmetro o limite máximo de 50 mil habitantes o valor saltaria para quase 90% dos municípios. Essa vasta parcela de municípios brasileiros abrigava 34% da população brasileira. Em números reais, significa a existência de quase 65 milhões de brasileiros (IBGE, 2010) que residem em espaços quase sempre negligenciados pela maioria das políticas públicas. O Estado Paraná tem 399 municípios dos quais 92% possuem, no máximo, 50 mil habitantes. Esse grupo de municípios abriga 40,7% da população estadual que em 2010, correspondia a 10,45 milhões de pessoas (IBGE, 2010).

Contudo, Santos (1979) alerta que o patamar demográfico não pode ser o elemento principal no debate sobre a temática. Ele deve ser norteador. Segundo Endlich (2006, p. 89), “a divisão do trabalho, a economia de mercado e a capacidade de consumo são indispensáveis nessa análise”. Além disso, as cidades (inclusive pequenas) se definem a partir das relações internas e em função das interações externas, estabelecidas com outras cidades, o que vai definir sua posição no espaço regional ou na rede urbana (CORRÊA, 1994). Portanto, a caracterização de uma cidade como pequena depende da rede urbana.

Nessa metodologia de estudo Santos (1979) utiliza o termo “cidades locais” e propõe entendê-las dentro do contexto urbano, ou seja, com as cidades regionais e as metrópoles. Assim, uma cidade local corresponde à “aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979, p. 71).

Outra forma de compreender a rede urbana passa pela reflexão baseada na formação socioespacial, pensada por Santos, como categoria de análise.

(O estudo das) “formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua

totalidade e nas suas funções, mas sempre um conhecimento específico, aprendido num dado momento de sua evolução” (SANTOS, 1977, p. 84).

A totalidade vai se referir ao modo de produção e às particularidades de como ocorre a acumulação e envolve as diferenças das relações de trabalho, os tipos de empresas, as propriedades rurais, e que irão compor uma formação socioespacial específica.

Soares (2003) apresenta vasta contribuição associada à conceitualização das pequenas cidades, principalmente contextualizando-as nas redes urbanas do Cerrado (reunindo áreas do Sudeste goiano e do Triângulo mineiro/Alto Paranaíba e no Norte de Minas Gerais). A autora questiona as políticas públicas destinadas às pequenas cidades que “também apresentam problemas de degradação ambiental, favelamento, retenção especulativa dos terrenos e que somam 4.172 municípios brasileiros” (SOARES, 2003, p. 83). As preocupações de Soares são pertinentes e concorda-se na sua defesa da necessidade de maior reflexão para entender as pequenas cidades na rede urbana. É necessário, também, pensar numa metodologia teórico-conceitual para esses estudos. Além dos autores abordados ao longo deste artigo, destacam-se nos estudos sobre pequenas cidades: Fresca (1990), Bernadelli (2004), Gonçalves (2005), Soriano (2007), Bacelar (2008) e Melo (2008).

Apesar de não existir uma definição única e consensual entre os pesquisadores em Geografia, uma série de elementos devem ser considerados, como o patamar demográfico e o papel desempenhado na rede urbana, apresentados anteriormente. No caso paranaense, foi definido o patamar de cinquenta mil habitantes somado às análises da rede urbana e de trabalhos empíricos.

### **Violência e insegurança urbana**

Para entender a insegurança urbana, conceito principal deste artigo, deve-se partir, mesmo que aqui apresentado por breves discussões, das noções básicas acerca da violência e da violência urbana. Violência é um termo oriundo do latim *vís*, e significa “força”. Com a evolução semântica do termo, o sentido passou a ser “força brutal para submeter alguém” (RIFIOTIS, 1999, p. 28; MAGALHÃES, 2009, p. 321-322).

Viana (2002, p. 7), define violência como “uma relação social na qual um grupo ou indivíduo impõe algo a outro grupo ou indivíduo” e deve ser considerada a existência de diferenças substanciais nas representações sociais de violência, pois esse fenômeno é visto

de forma diferentes pelas faixas etárias e pelas classes sociais. A violência urbana está associada diretamente ao espaço urbano, é a que ocorre no espaço urbano e “derivada da organização do espaço urbano” (VIANA, 2002, p. 29). Nos estudos de Silva (2004, p. 59), a violência urbana é “uma forma de vida constituída pelo uso da força como princípio organizador das relações”. Logo, as cidades vivem “um processo de consolidação de uma ordem social cujo princípio de organização é o recurso universal à força” (SILVA, 2004, p. 62).

A compreensão da insegurança parte de duas premissas: a “impressão que a insegurança pública ‘piorou’ ou ‘melhorou’ é sempre decorrente de uma comparação no tempo” (SOUZA, 2008, p. 7) e a insegurança nascida de um sentimento de impotência (BAUMAN, 2007). A insegurança urbana ocorre quando um indivíduo (ou um grupo) se sente inseguro em determinado espaço urbano ou em alguma localidade, por qualquer motivo que seja, concreto ou imaginário. Como ela caminha próxima da noção de sentimento, torna-se imprecisa, variando de pessoa para pessoa no tempo e na intensidade.

Partindo de uma série de fatores, Souza (2008) formulou o conceito de fobópole, derivado das palavras gregas *phóbos*, que significa “medo”, e *pólis*, que significa “cidade”. Ou seja, fobópole é a “cidade do medo” ou “medo da cidade” ou ainda “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade”. Já Bauman (2007, p. 7-9) associa a insegurança a uma mudança em curso no mundo, como a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”; a retração ou redução da segurança, endossada pelo Estado; o solapamento dos alicerces da solidariedade social; o colapso do pensamento, do planejamento e da ação em longo prazo e do enfraquecimento das estruturas sociais.

Portanto, a violência e a insegurança podem estar relacionadas, especialmente no sentido da materialização da violência, medidos pelos homicídios, roubos, furtos, agressões, por exemplo. Esses crimes podem ser percebidos como prováveis e possíveis pelas pessoas. Mas na esfera das sensações de medo que são diferentes entre as pessoas, a insegurança pode existir ainda que a violência seja irrisória ou nula. Nesse caso, o sentido transita pelo sentimento e/ou sensação de insegurança, independente dos casos concretos de violência.

## **A sociabilidade**

Pelas concepções de Karl Marx, a sociabilidade é entendida como um “conjunto de relações que os indivíduos mantêm entre si, dentro do qual, vivem e produzem sua existência, os determina essencialmente” (ALVES, 2002, p. 309-310). Já na concepção de Lugan (1997), ela é a capacidade de atores sociais se comunicarem e interagirem com

outros, sendo um processo necessário para dar a cada um deles o reconhecimento social de uma dada comunidade. Em suma, é por meio dos conjuntos de relações que os indivíduos concretamente existirão.

Segundo Frankl (1978, p. 77-78), ser humano “significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém”. O ser humano é, em sua essência concreta, um realizador de relações sociais e a sociabilidade é um anseio humano para encontrar um sentido para a existência. Para ele, isso ocorre quando se é capaz de transcender a si mesmo e direcionar-se à sua exterioridade.

Partindo disso, é evidente que a sociabilidade é peça fundamental para a existência da sociedade, ainda mais no mundo contemporâneo onde as pessoas se tornam cada vez mais individualistas, agindo, quase sempre, em interesse próprio, enfraquecendo, assim, “as negociações de interesse coletivo” (GOMES; SILVA JUNIOR, 2007, p. 58), caracterizadas pela visão política crítica, interesse em preservação e melhoria do espaço público, indiferença com aumento do desemprego, pobreza e questões sociais.

O individualismo citado foi descrito por Zaluar (1997) como “individualismo negativo”, no qual os indivíduos ficam ilhados no esgarçamento do tecido social, sem o ideário e os valores partilhados socialmente. Ainda de acordo com a autora, esse individualismo, por meio do narcisismo, busca uma independência individual, mas acaba por encontrar um vazio.

Nas pequenas cidades a sociabilidade assume uma característica peculiar. De acordo com Caniello (2003, p. 33), ela é “largamente condicionada pela pessoalização”, ou seja, a proximidade entre as pessoas produz o que o autor chama de “visibilidade inevitável”. No caso da pequena cidade de São João Nepomuceno na Zona da Mata mineira, de 25 mil habitantes segundo o IBGE (2010) e campo de estudo de Caniello, a rivalidade, no sentido de competição, é exercida em dois momentos: no carnaval e nas eleições.

Certamente, há um ciclo vicioso nessa nova sociabilidade que engloba outros ciclos concêntricos menores, sem saber onde começa e termina. Ele está associado à violência, à escassez de contato humano, à insegurança urbana, ao individualismo, à ausência do Estado, à mídia, às políticas repressivas, aos medos, entre outras ramificações, o que acaba por remodelar o contemporâneo modo de vida urbano.

Portanto, como explicado no parágrafo anterior, articulam-se violência e insegurança à sociabilidade no sentido da rarefação dos laços sociais e humanos, da negação do espaço público, da ausência do Estado, entre outros, que influenciam no modo



de vida e nas relações dos moradores das cidades. No caso das pequenas, o assunto é potencializado uma vez que são reconhecidas pela pessoalização, o que influencia nas subnotificações e motiva as novas resistências e arranjos no espaço urbano, como comprovam as bases empíricas.

## **A REALIDADE DE FLORESTÓPOLIS NO NORTE DO PARANÁ**

### **Breve contexto histórico**

O Norte e Noroeste do Estado do Paraná são compostos por diversos municípios polarizados por pequenos núcleos urbanos. De acordo com Endlich (2006, p. 23), nessas regiões, “a presença dessas pequenas cidades é explicada pelo processo de formação socioespacial da região, ocorrido no contexto da economia cafeeira”. Ela foi a responsável pela vinda de pequenos produtores e trabalhadores rurais e pela consolidação de municípios.

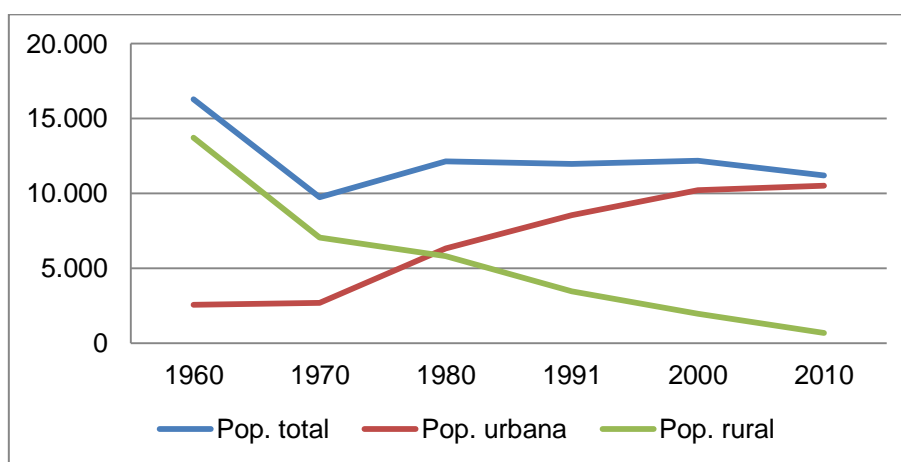
Com o declínio dessa atividade agrícola houve um declínio populacional na área rural. Esse declínio “foi esvaziando, também, os numerosos e pequenos núcleos urbanos sob o aspecto funcional” (ENDLICH, 2006, p. 24). Esses ciclos, marcados pelas migrações do homem do campo e das pequenas cidades, modificaram o espaço regional e a estrutura urbana dessas localidades, especialmente quanto à necessidade de emprego, moradia, serviços em gerais, como educação, saúde e segurança, entre outras necessidades.

A história “oficial” de Florestópolis inicia-se em 1951, porém esteve ligada, indiretamente desde 1923, com a de Sertanópolis, município a cinquenta quilômetros de distância. Durante a década de 1920, milhares de famílias paulistas e mineiras chegaram à região do antigo município de Sertanópolis para trabalhar com lavouras de café. Atualmente, aquela região corresponde a 21 municípios, inclusive Florestópolis. Nesse sentido, estima-se que no início da década de 1940 as migrações chegaram no interior do extenso município de Sertanópolis, ocorrendo a derrubada de matas, a formação de lavouras e a instalação de diversos povoamentos, até atingirem o patrimônio de São João (atual cidade de Florestópolis), cujo proprietário dividiu-o em lotes rurais e urbanos para venda aos imigrantes.

Em 1950 ele foi elevado à condição de distrito de Porecatu, com o nome de Florestópolis, que significa “cidade da floresta”. Devido aos interesses políticos de emancipações que permeou o Paraná no início da década de 1950, o distrito encontrou facilidades e emancipou-se um ano depois, em 14 de novembro de 1951. Motivados pela

agricultura, estima-se que no final da década de 1950 a população absoluta atingiu mais de vinte mil habitantes para uma área de 490 km<sup>2</sup>. Contudo, no início da década de 1960, Florestópolis perdeu 49,7% do seu território e quase dez mil habitantes com a emancipação dos distritos de Miraselva e Prado Ferreira, atingindo a atual composição territorial de 246,3 km<sup>2</sup>. Desde a emancipação municipal ocorreram alternadamente ciclos de crescimento e de declínio populacional, como pode ser observado na Figura 2. Eles são reflexos dos momentos econômicos e transformações políticas vivenciados pelo município, com significativas implicações na realidade econômica e social dessa localidade.

**Figura 2. Florestópolis (PR): Evolução da população total, urbana e rural, 1960-2010**



Fonte: IBGE (2015)

Em 1960, o município ainda colhia os frutos do auge da economia cafeeira na região Norte do Paraná. A população absoluta passava dos 16 mil habitantes, dos quais 84,3% residiam na área rural. O complexo cafeeiro, composto basicamente por escolas, igrejas, comércios e residências, abrigava os trabalhadores nas propriedades rurais. A queda populacional de 40%, durante a década de 1960, é explicada pelo desmembramento dos distritos de Miraselva e Prado Ferreira. Na realidade, naquele período, descontando a população de ambos, conclui-se que o território original do município de Florestópolis teve um ganho de cerca de três mil habitantes como consequências positivas da plantação do café.

O café entrou em declínio no Paraná na década de 1960. Contudo, a oscilação populacional não foi expressiva devido à rápida substituição do café pela cana-de-açúcar. Tal transformação, predominante no município, absorveu parcela da mão de obra liberada do campo. Então, a mudança passou a ser nos dados de população urbana e rural. Em 2010, 94% da população municipal de Florestópolis residia na área urbana. A população rural teve uma queda total de 95%, diminuindo de 13,7 mil (1960) para menos de 700

habitantes (2010). Com a queda da produção cafeeira na década de 1970, o êxodo rural tomou grandes proporções no município. Naquele período, o crescimento da população urbana foi de 133%. A partir desse alto índice, as variações foram menores nos períodos seguintes, chegando apenas a 3% de 2000 a 2010. Em contrapartida, a população rural teve queda nos índices em todos os períodos, chegando a mais de 65% no período de 2000 a 2010. Seguindo a perda demográfica, somada à ampliação da área de cana, os prognósticos são de que, em 2020, a população rural em Florestópolis será na ordem das dezenas.

No que vincula-se às questões de segurança, a escolha de Florestópolis como recorte espacial partiu de uma análise dos indicadores de homicídios dos 186 municípios do Norte do Paraná (interpretado pelas Mesorregiões Norte Pioneiro, Central e Noroeste), entre 1996 e junho de 2013, pela base do Ministério da Saúde/DataSUS/Sistema de Informação de Mortalidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). Os valores absolutos encontrados foram transformados em taxas, por grupos de cem mil habitantes. O município de Florestópolis apareceu na segunda posição no *ranking* entre os 186 municípios, atrás apenas de Nova Tebas. Os dois municípios foram estudo de caso empírico. A efeito de comparação, o valor da taxa de Florestópolis é 50% maior que a de Londrina e 120% a de Maringá. Além disso, os números mostraram que a situação não representa uma anomalia e/ou casos isolados. Apenas em 1996, 1997 e 1999 não houve homicídio no município. Nos primeiros anos do século XXI, os valores oscilaram entre quatro e seis homicídios. Já após 2010, os patamares cresceram consideravelmente chegando ao recorde de 13 em 2012. Vale considerar que os dados para 2013 foram consolidados até junho, quando Florestópolis já somava seis homicídios.

### **Contexto atual instável**

Discorrer sobre a violência e a insegurança urbana necessita de uma metodologia que vá além das análises quantitativas e das informações apenas objetivas, embora ambas sejam indispensáveis para a pesquisa. As impressões obtidas com o trabalho empírico, que significou viver por alguns dias a realidade local, remetem a uma análise complementar qualitativa acerca dessa realidade analisada.

O núcleo urbano de Florestópolis é muito movimentado, principalmente quando não há o corte da cana-de-açúcar, como no período em que foi realizado o trabalho de campo. Assim, os moradores, em sua maioria cortadores de cana-de-açúcar, ficam em suas casas, nas ruas e nas praças, devido à falta de trabalho, já que ele é sazonal. Por isso, a cidade durante o dia se mostra extremamente barulhenta, agitada e “pulsante”, ainda que

isso não reflita especificamente no comércio local. Durante a noite o barulho cessa. A ausência de espaços lúdicos e de consumo faz com que poucas pessoas caminhem pelas ruas desertas e escuras, já que a iluminação pública, quando existente, é péssima. Então, o movimento torna-se restrito ao trecho urbano da PR-170.

A vida em Florestópolis é instável. Durante os trabalhos empíricos, em pelo menos dois bairros diferentes, houve ameaça, xingamento e tentativa de intimidação enquanto se conversava e se aplicavam questionários aos moradores. Entre um termo e outro, eram utilizadas expressões do tipo “saí daqui”, “vai embora”, “você não é daqui” e “vagabundo”. No outro momento, enquanto se conversava com uma senhora, um adolescente aproximou-se com o intuito de saber o teor do questionário, alegando que era necessária “permissão” ao “responsável” para transitar pelo bairro. Em pelo menos dois bairros da cidade são cobrados “pedágios” para entrar após as 19 horas, segundo entrevistas concedidas. O valor de tal “liberação” varia de acordo com o segmento de cada pessoa. Para um comerciante do ramo alimentício é cobrado o valor de um real por dia para poder efetuar seu trabalho no bairro. Portanto, vive-se num território a partir de relações violentas, apresentadas ao longo do artigo.

Os dados levantados e tabulados nos questionários aplicados em Florestópolis revelaram os elementos mais ausentes na cidade. Foram 258 citações, média de 2,2 por entrevistado, sobre os aspectos negativos, destacados na Tabela 1, que apresenta as citações, por proporcionalidade. Em Florestópolis, os setores de segurança, saúde e emprego representam quase 70% das respostas; necessidades de lazer, cultura, asfalto, educação, ensino superior, entre outros setores, também foram lembrados.

**Tabela 1. Florestópolis (PR). Elementos que mais faltam na cidade**

<b>Expressão</b>	
Segurança pública	25,6%
Emprego/renda	21,3%
Serviços de saúde	21,0%
Lazer e cultura	13,9%
Serviços de educação	6,6%
Saneamento básico	5,0%
Asfalto	3,1%
Outros	3,5%

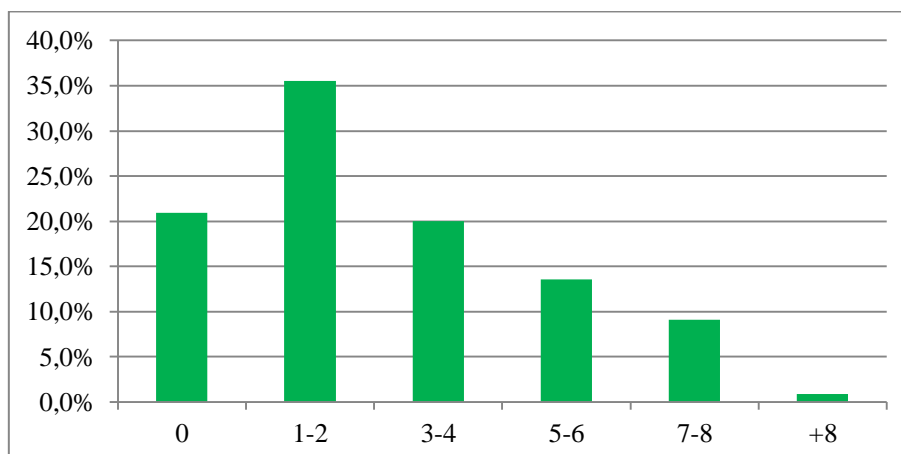
**Fonte: O próprio autor**

Por meio das questões relacionadas à sociabilidade, constatou-se algo até certo ponto incomum em pequenas cidades: uma diminuição nos laços de conversa e visitas. Certamente tais atitudes fazem parte de um contexto global, incorporando as consequências do modo de produção vigente. Além disso, existem diferenças e diversas formas de sociabilidade: as diferentes faixas etárias atuam, observam e vivem no urbano de maneira diferente.

A sociabilidade nas pequenas cidades do mundo contemporâneo parece passar por uma transformação significativa. Os contatos primários com afetividade e intensidade se limitam entre os grupos e/ou parentes e amigos mais próximos e, cada vez mais, com relações conturbadas. Já as relações secundárias, efêmeras, baseada em vínculos profissionais, técnicas e frias são utilizadas cotidianamente. Esse contexto é materializado nos estudos de Lugan (1997) na França e no trabalho empírico deste trabalho.

Os trabalhos empíricos mostraram que grande parcela das pessoas conhece os moradores da vizinhança, o que poderia pressupor a existência de laços de sociabilidade. Em Florestópolis, 58% dos respondentes conhecem todos os seus vizinhos, 35% conhecem a maioria deles e apenas 7% conhecem alguns ou ninguém. Apesar disso, numa extensão da indagação, 93% dos respondentes alegaram não conhecer todos os moradores do município, o que é perfeitamente compreensível. Entretanto, o fato de conhecer não significa a manutenção ou a existência de laços concretos de sociabilidade. A Figura 3 apresenta a proporcionalidade de vezes que as pessoas conversam com os seus vizinhos em uma semana.

Os resultados revelaram que 35% dos respondentes alegaram que conversam de uma a duas vezes por semana com os vizinhos. O que chamou a atenção foi o índice de “nenhuma conversa” em uma semana com algum vizinho: 21%. Nesse caso, os argumentos foram, principalmente, “uma vez por mês”, “apenas quando precisam de alguma ajuda” ou “necessitam de algo emprestado”. Já as respostas acima de cinco vezes foram proferidas pelos mais jovens e pelas pessoas mais velhas.

**Figura 3. Florestópolis (PR). Frequência de relações com a vizinhança, em vezes por semana**

Fonte: O próprio autor

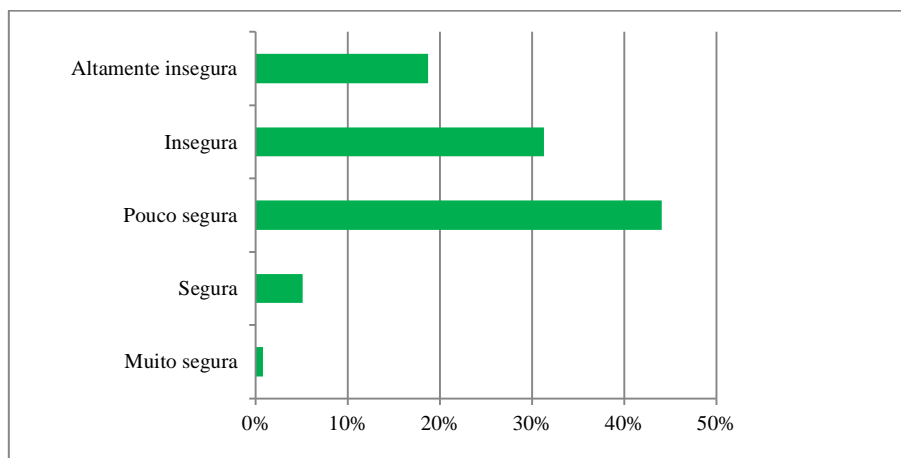
Os pontos seguintes abordados visaram apreender a insegurança urbana em Florestópolis. Inicialmente, partiu-se do bairro em que cada respondente mora. Por isso, os questionários foram realizados em diferentes pontos da pequena cidade. Alguns bairros são estigmatizados pela violência, fazendo com que algumas pessoas optem por não frequentá-los. A apreciação dessa questão da insegurança urbana em municípios polarizados por pequenas cidades demonstra uma transição entre o que eram essas localidades – mais seguras – e as dinâmicas recentes, que trazem fatos preocupantes. Assim, ao mesmo tempo em que aparece a perspectiva da tranquilidade/sem agitação, emerge, por outro lado, uma parte das pessoas que já se sentem incomodadas com acontecimentos que alteram a realidade anterior. Essas mudanças, em cursos, vão refletir nas paisagens das pequenas cidades ao longo da década.

Seguramente, como tendência natural do ser humano, há uma valorização daquilo que é inerente a ele, independentemente da qualidade efetiva. Entretanto, o bairro é um ponto que deve ser considerado. Em Florestópolis, 46,4% das pessoas consideram que o bairro em que residem é muito seguro (1,8%) ou seguro (44,6%). Os demais 53,6% avaliam que os problemas de violência, considerados distantes do local de moradia, passaram a ocorrer mais próximos de seus lares. Para 30,9%, o bairro é pouco seguro, 20% inseguro e na opinião de 2,7% o bairro é altamente inseguro.

Em seguida, as indagações, assim como a pauta das conversas com os moradores, referiram-se ao contexto urbano geral. Em outras palavras, buscaram-se respostas envolvendo a cidade, sem classificação/distinção dos espaços. A utilização dessa abordagem deixou, efetivamente, os respondentes mais à vontade para falar sobre o assunto. Em vista disso, a primeira indagação foi acerca da existência de violência na cidade. Em Florestópolis, 97,5% dos respondentes alegaram que existem problemas de

violência na cidade. A Figura 4 apresenta a avaliação dos respondentes quanto à segurança na cidade.

**Figura 4. Florestópolis (PR). Percepção da segurança na cidade**



**Fonte: O próprio autor**

Em Florestópolis, as preposições que consideram a cidade segura (muito segura e segura) somam menos de 6%, contra 94% daquelas que a consideram insegura. Para 44,1% dos inquiridos a cidade é pouco segura; já para quase 20%, ela é altamente insegura. Alguns relatos quanto à questão da segurança são interessantes: i) um religioso transferido para Florestópolis conseguiu levantar duas mil assinaturas para pedir mais segurança na cidade, contudo sua iniciativa foi em vão, assim, dois anos após sua chegada, ele pediu transferência; ii) diversos pais lamentaram que não levam suas famílias para uma lanchonete ou um passeio no centro no período noturno; iii) as brigas que ocorrem em bares não têm consequências negativas para os envolvidos; e iv) a Pastoral da Criança, fundada por Zilda Arns em 1983, começou na cidade devido as altas taxas de mortalidade infantil, mas, atualmente, sem nenhum dos fundadores na cidade e com o contrato junto a prefeitura sem perspectiva de renovação, o destino deve ser a desativação do projeto na cidade.

Ainda acerca de Florestópolis, somente nos três primeiros dias de realização do trabalho de campo, duas pessoas foram baleadas, sendo uma mulher grávida – na frente da escola –, e outras três pessoas esfaqueadas. Entretanto, ninguém do poder público municipal e dos órgãos estaduais de segurança quiseram comentar ou participar de entrevistas para abordar esses casos específicos, que se tornam números frios e estáticos, poucos explorados por políticas públicas no contexto da segurança pública do Estado do Paraná.

Por conta disso, aproximadamente 65% dos respondentes sentem-se inseguros e com medo na área urbana de Florestópolis, enquanto quase 30% já sofreram algum tipo de ação violenta, sendo as mais citadas: furtos, roubos e agressões. Nesse ponto, vale uma ressalva: em cidades pequenas, muitas pessoas, por medo e/ou receio do julgamento da

sociedade, não denunciam a violência (as subnotificações), principalmente a no âmbito familiar. E isso reflete, diretamente, na chamada “indústria do medo”; foi observado em Florestópolis, que cerca de 70% dos estabelecimentos comerciais possuem aparatos de segurança, como câmeras, alarmes, segurança privado, entre outros. Já com relação às residências, cerca de 10% delas possuem os equipamentos. Existem empresas de segurança privada, inclusive com vigilância noturna em bairros mais elitizados.

### **Equipamentos e serviços públicos de segurança**

Com relação aos equipamentos de segurança pública, existe um Destacamento de Polícia Militar (Figura 5), na qual atuam quatro policiais militares divididos em três equipes, sendo que duas delas operam 24 horas com um policial apenas, ou seja, durante 48 horas o município, de mais de 11 mil habitantes, é atendido por apenas um policial. Logo, por diversas vezes ao longo do dia, o Destacamento de Polícia Militar acaba ficando sem nenhum profissional para atender às ligações de emergência. Já no período noturno, ele não opera. No município, em meados da década de 1990, trabalhavam 12 policiais militares (PARANÁ, 2011b).

Segundo informações do Destacamento de Polícia Militar de Florestópolis, ocorre uma média de 25 roubos/furtos por mês (o ápice chegou a 79 no mês de março) e só nos seis primeiros meses de 2011 foram quatro homicídios e outras quatro tentativas de homicídio. Calculando os dados pelo número de habitantes para efeito de comparação, a taxa de homicídios em Florestópolis, naquele período, seria de 36,3 por grupo de cem mil habitantes, quase quatro vezes maior que a taxa de 10,0 homicídios, por 100 mil habitantes, considerada aceitável pela Organização das Nações Unidas (ONU). Acima desse valor a ONU considera uma epidemia de violência (MADEIRO, 2013), o que se ratifica somando aos apresentados pela base MS/DataSus para o período de 1996 e 2013.

Além disso, essa taxa da pequena cidade do Norte paranaense é quase 80% maior que a taxa média brasileira divulgada pelo Mapa da Violência de 2013 (WAISELFISZ, 2013) que é de 20,4%. Também não há Corpo de Bombeiros militar em Florestópolis. A cidade depende do batalhão do município de Rolândia, a quase 60 quilômetros de distância, ou do Bombeiro Comunitário de Bela Vista do Paraíso, a quase 30 quilômetros (PARANÁ, 2011b). Existem relatos de que empresas que possuem caminhões para controlar incêndios durante a queimada da cana-de-açúcar apagam incêndios na cidade, porém com cobrança pelo serviço.



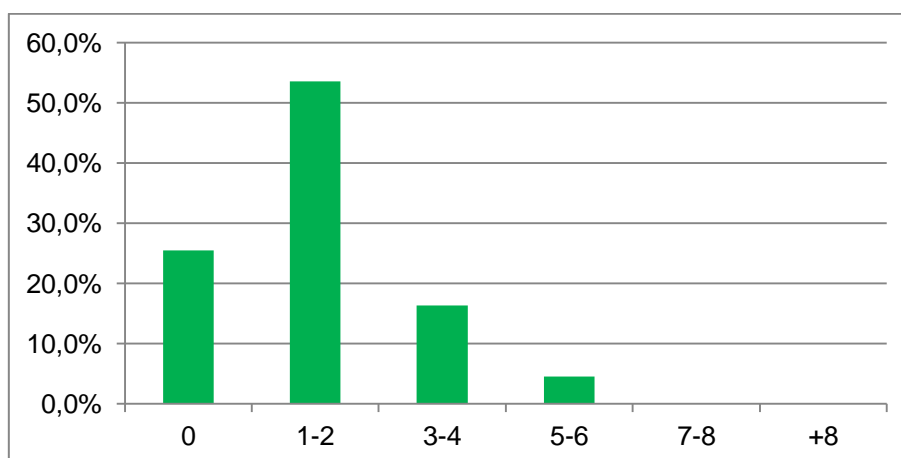
No município não existe policial civil e a delegacia está fechada há quase dez anos por falta de efetivo. A delegacia de Porecatu (PR), a 15 quilômetros de distância, responde pelos eventos da cidade (PARANÁ, 2011a). A Figura 5 apresenta, também, a Delegacia de Polícia Civil de Florestópolis, que funciona como mero “edifício decorativo” da paisagem urbana.

**Figura 5. Florestópolis (PR). Destacamento de Polícia Militar e Delegacia da Polícia Civil**



**Fonte: O próprio autor**

A ausência de equipamentos e, por conseguinte, da presença da polícia na cidade é sentida e questionada pelos moradores: 95,8% dos respondentes acreditam que faltam policiais, bombeiros, viaturas, equipamentos e serviços públicos relacionados à segurança. Por isso, os postos dos Correios, as casas lotéricas e as agências bancárias e centros comerciais já foram assaltados mais de uma vez. Além disso, a eficiência dos serviços existentes no município é muito questionada pelos moradores. Por exemplo, a Figura 6 apresenta a frequência, em número de vezes por semana, que os respondentes observaram a Polícia Militar fazendo ronda no seu local de residência, estudo ou trabalho. Vale destacar que as respostas refletem a percepção dos respondentes.

**Figura 6: Florestópolis (PR). Percepção da presença da Polícia Militar, em vezes por semana**

Fonte: O próprio autor

Em Florestópolis, a Polícia Militar é pouco percebida pelas ruas ao longo de uma semana, 54% alegam que ela faz ronda de uma a duas vezes por semana, 25% alegam que ela não faz ronda em sua residência ou comércio. Apenas menos de 5% citou a percepção da presença policial quase todos os dias, uma elitização dos espaços contemplados por rondas, enquanto a esmagadora maioria é negligenciada pelo poder público.

Os motivos que levam à violência e à insegurança urbana são variados. Nesse sentido, a Tabela 2 apresenta, por proporção de citações, os principais motivos que na opinião dos moradores levam à existência da violência nas cidades de Florestópolis. O consumo de drogas e álcool, a ausência de policiamento e a impunidade são apontados como os principais motivos (67,4%) que levam à existência de eventos relacionados à violência.

**Tabela 2. Florestópolis (PR). Motivos para a existência da insegurança.**

Expressão	Porcentagem
Consumo e tráfico de drogas	25,5%
Consumo de bebidas e alcoolismo	24,3%
Ausência de policial e impunidade	17,6%
Brigas e desavenças familiares	10,0%
Ausência de emprego	7,5%
Violência contra a mulher	6,7%
Outros	8,4%

Fonte: O próprio autor

Algumas respostas chamaram a atenção em Florestópolis: 7,5% das respostas associaram à existência da violência com a falta de emprego e 0,5% à pobreza. Segundo algumas justificativas, quando há ausência de emprego/renda, a pessoa é levada a cometer roubos e furtos. Mas essa hipótese reflete o pensamento preconceituoso de uma classe abastada que acredita que ladrão e criminoso correspondem a um estrato menos favorecido ou desempregado. Os criminosos não podem ser classificados quanto à renda. Deve-se considerar e reconhecer a existência dos “crimes do colarinho branco” (utilizado pela primeira vez por Edwin Sutherland em 1949), cometidos por banqueiros, políticos e pessoas com poder aquisitivo.

Apesar de este artigo discorrer, especificamente, acerca da realidade vinculada à sociabilidade e a insegurança há em Florestópolis uma ausência de políticas públicas em praticamente todos os setores, desde educação e saúde até infraestrutura e lazer, refletindo a políticas obsoletas para municípios polarizados por pequenas cidades, tanto nos governos estaduais como no federal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As principais motivações deste trabalho caminharam no sentido de preocupar-se com espaços que são pouco abordados pelos referenciais teóricos e pelos meios acadêmicos, comparado aos grandes centros urbanos: os municípios polarizados por um pequeno núcleo urbano. Além disso, objetiva mostrar que considerável parcela da população vive em condições indignas, enfrentando, muitas vezes, sem esboçar qualquer reação ou sem motivação para isso.

O trabalho empírico revelou como os moradores percebem a realidade enfrentada por eles. Assim, além de outras características elencadas, emergiram situações preocupantes e características próprias no que diz respeito à segurança pública e à sociabilidade. Em Florestópolis, os pouco mais de 11 mil moradores convivem com a ausência de saneamento básico, transporte público adequado, políticas de geração de emprego e renda, além da ausência de apoio à cultural e ao lazer.

O maior reflexo da situação atual da cidade é a ausência de uma sociabilidade positiva por parte dos moradores, que deixam se falar cada vez mais; parte disso ocorre como consequência dos eventos violentos que diariamente assolam a sociedade, principalmente nos espaços lúdicos que deveriam ser utilizados para a prática da sociabilidade. Em Florestópolis, 97,5% dos respondentes consideraram que existem problemas de violência e 65% delas sentem-se inseguras vivendo na cidade. Além disso, quase um terço dos respondentes já sofreram com a violência ou insegurança em

Florestópolis. Esse valor só não é superior devido ao alto grau de pessoalização, que ainda é relevante na sociabilidade local.

Corroboram com essa realidade a ausência do Estado em políticas públicas de segurança, como equipamentos e serviços de qualidade e suficientes para proteger a sociedade. Numa análise profunda, questiona-se, também, o modelo de polícia militar brasileira e a conduta dos profissionais nas ações cotidianas e nos laços afetivos com a comunidade local. Indo além, permeia a emancipação humana, serviços de saúde, educação, lazer, saneamento básico, urbanidade, entre outros, inoperantes ou deficitários em Florestópolis e em boa parcela das cidades brasileiras.

O fato de existir um alto grau de pessoalização em Florestópolis não faz da cidade um local onde a sociabilidade positiva ocorra com muita intensidade. Apesar de 93% dos respondentes conhecerem a maioria ou todos os vizinhos, quase 56% deles mantêm relações superficiais com a vizinhança, sendo 20% sem laços e 36% com laços reduzidos. A sociabilidade, característica comum em cidades pequenas, parece transitar por novos horizontes, já abordados em estudos geográficos e sociológicos em cidades maiores. Nesse caso, há um vasto e incipiente campo aberto para análises e debates sobre o tema, que foge, na maioria dos casos, das pautas jornalísticas, dos meios acadêmicos e das políticas públicas.

Os resultados mostraram que há muito que se fazer, no âmbito político e social, por esse município. Há, também, necessidade da universidade ampliar os estudos e o debate acadêmico para esses espaços, contribuindo, assim com a sociedade local e com a realidade urbana e social brasileira pela totalidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Antônio José Lopes. A sociabilidade nos Grundrisse de Karl Marx. In: **Anais de Filosofia**. São João Del-Rei, v. 9, p. 309-313, 2002.
- BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG**. Tese. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. 411 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 119 p.
- BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias**. Tese. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente: 2004. 347 p.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. 454 p.

- BRASIL, IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- CANIELLO, Márcio. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, nº 1, p. 31-56, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. In: **Os caminhos da reflexão da cidade e do urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 323-359.
- ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente: [s.n.], 2006. 505 p. il.
- FLORESTÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. **Informações sobre o município**. Disponível em: <[www.florestopolis.pr.gov.br](http://www.florestopolis.pr.gov.br) acesso em: 13 de janeiro de 2014.
- FRANKL, Viktor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FRESCA, Tânia Maria. **A dinâmica funcional da rede urbana do Oeste Paulista: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista**. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.
- GOMES, Livia Godinho Nery e SILVA JUNIOR, Nelson da. Sobre a amizade em tempos de solidão. In: **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 57-64, mai./ago., 2007.
- GONÇALVES, Francisco Ednardo. **Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do Agreste Potiguar**. 2005. 173 f. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN). Natal, 2005.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica (SIDRA)**. 2015. Censo Demográfico 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=CD&z=t&o=25>. Acesso em 19/08/2015.
- LUGAN, Jean-Claude. Sociabilité et intégration dans les petites Villes: hypothèses sur une evolutions. In: **Bourgs et petites villes**. Jean-Paul Laborie et Jean Renard (org.). Presses Universitaires du Mirail, Toulouse, 1997. p. 399-406.
- MADEIRO, Carlos. Estudo mostra que todos os Estados do país registram homicídios em níveis epidêmicos. **Portal Uol Cidadania**, 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/05/todos-os-estados-do-pais-tem-assassinatos-em-niveis-epidemicos-aponta-estudo.htm>> Acesso em: 23 de junho de 2015.
- MAGALHÃES, Nara. Significados de violência em abordagem da mensagem televisiva. In: **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 318-343, jan./jun., 2009.
- MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades na microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. 527 p.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DataSUS**. 2014. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>> acesso em: 10 de janeiro de 2014.
- PARANÁ. Polícia Civil do Paraná. 2011a. Disponível em: <<http://www.policiacivil.pr.gov.br/>> acesso em: 10 de janeiro de 2014.
- PARANÁ. Polícia Militar do Paraná. 2011b. Disponível em: <<http://www.policiamilitar.pr.gov.br/>> acesso em: 11 de janeiro de 2014.
- PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Tradução de Giselle Unti. Petrópoles (RJ): Vozes, 2006. 188 p.

RIFIOTIS, Theophilos. Violência policial e imprensa: o caso da Favela Naval. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo, v. 13, n. 4, p. 28 - 41, out./dez., 1999.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, 87 p.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun., 2004.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidade e metrópole: notas de um debate. In: CARLOS, A. F. *et al.* (Org.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81-86.

SORIANO, Érico. **Os espaços de medo e os de castigo nas pequenas cidades do estado de São Paulo**: avaliação geral e o caso de Itirapina. Dissertação – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2007. 157 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008. 288 p.

VIANA, Nildo. **Violência urbana**: a cidade como espaço gerador de violência. Goiânia: Edições Germinal, 2002. 48 p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013**: mortes matadas por armas de fogo. Rio de Janeiro: CEBELA, 2013. 55 p.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, fev., 1997. 20p.

Recebido em 05/05/2014

Aceito em 23/06/2015